

Cinema, Pipoca e Macumba (argumento: programa televisivo)

João Mamedes Figueiredo Melo

A ideia inicial consiste em uma série de programas de aproximadamente cinco minutos de duração cada. A base é relacionar três coisas que aparentemente não possuem proximidade, de forma divertida e contextual. Através de stop-motions, colagens, montagem e filmagens, o programa é construído com base em uma “Voice Over” divertida, singular e irônica. No piloto, apresentarei o texto lido pelo narrador. O programa não possui título fixo, já que o seu título será sempre o nome das três coisas a serem relacionadas. Programa Piloto:

A pipoca, alimento encontrado em civilizações peruanas durante a colonização espanhola, é branca – branca assim como era Marilyn Monroe, a grande estrela do cinema norte-americano, que, por sinal, tinha um cabelo em formato de pipoca. O cinema, onde trabalhava Marilyn Monroe, foi “supostamente” inventado pelos irmãos Lumière, brancos como pipoca e tão europeus quanto os espanhóis que descobriram a pipoca – mas que não a inventaram – como fizeram aqueles outros europeus que inventaram o cinema. O cinema, inventado pelos brancos europeus, mas que não eram espanhóis, era inicialmente projetado nas cores preto e branco – bom para os brancos, como Marilyn Monroe cabelo de pipoca, e bom para... para... Bom, bom – porque simplesmente não me lembro de uma grande estrela negra no cinema daquela época, na qual Marilyn era a rainha da pipoca, e a pipoca já era a rainha do cinema. Negros, estes que, por sinal, foram trazidos para as Américas pelos europeus, aqueles mesmos europeus que escravizaram a pipo... ops, que descobriram a pipoca, inventaram o cinema, povoaram Hollywood e, por sinal, escravizaram eles, os negros. No Brasil – que foi invadido pelos europeus, mas não os mesmos que descobriram a pipoca, nem os mesmos que inventaram o cinema, muito menos os mesmos que povoaram Hollywood – foi onde mais se importou pipo... ops, onde mais se escravizou negros. O Brasil – que faz divisa com o Peru, o país onde se descobriu a pipoca, que serviu de inspiração para o cabelo de Marilyn Monroe – também consome pipoca, mais especificamente por volta de 80 mil toneladas por ano, e haja negro pra comer tanta pipoca. Na época da senhora cabelo de pipoca, o cinema era preto e branco – branco como pipoca e negro... bem, negro como os negros. Marilyn cabelo de pipoca era branca como Santa Bárbara, reduto de Los Angeles – Santa Bárbara que, nas mãos dos negros, virou Iansã – preta como os negros, importada como pipoca e consumida como Marilyn Monroe, que não era brasileira, nem pipoca, nem preta e muito menos frequentava os cultos do candomblé. A pipoca possui baixo teor de gordura e alto teor de gostosura, assim como Marilyn Monroe – e diferente do que ocorre no cinema e do que ocorre com Marilyn, no candomblé

se usa pipoca, mas não se come. Para os milhos de pipoca que não estouram, dá-se o nome de Piruá; para loiras cabelo de pipoca, dá-se o nome de perua – perua, feminino de peru, animal que come milho de pipoca e país onde os europeus, que não são os mesmos que inventaram o cinema, descobriram a pipoca, que Marilyn Monroe usou como inspiração para dar um “up” nas madeixas, os cinemas usam para extorquir dinheiro dos espectadores, os pipoqueiros usam para ganhar a vida – enquanto os negros, às quartas de madrugada, usam para jogar na cabeça do cavalo que vai receber Santa Bárbara, a turca, que, na macumba, é a negra Iansã, que nunca comeu pipoca, a flor do candomblé, e nunca na vida ouviu falar da branca Marilyn Monroe.